

JOSÉ ALBANO, UM CLASSICO

João Clímaco Bezerra

Não foi um sentimento de revolta que nos assaltou quando, há alguns anos, deparamos, num livro destinado à divulgação da cultura literária, o nome de José Albano entre os poetas portugueses, mas de tristeza. Realmente nenhuma figura das nossas letras, apesar da sua originalidade, continua mais desconhecida do que o poeta da "Comédia Angélica".

Concorre, talvez, para esse fato singular, a originalidade do seu estilo, preso às raízes portuguesas, de um lado, e de outro, a uma espécie de apatriamento em toda a sua criação.

Homem profundamente marcado pelo destino, José Albano, sem embargo dos versos que escreveu, tornar-se-ia conhecido entre os seus contemporâneos pela excentricidade das suas atitudes.

A análise da sua obra, um estudo mais íntimo da sua poesia, não conseguiram despertar a curiosidade da crítica brasileira. O sr. Manuel Bandeira, poeta de rara sensibilidade, desviou-se, para o anedotário, aos primeiros contactos com a figura e a poesia de José Albano. E a impiedade com que o apreciou Humberto de Campos, não merece citação, mas repugnância e revolta.

E' verdade que o seu nome figura em todas as boas antologias da língua portuguesa, principalmente através dos sonetos de sabor clássico e de linguagem nitidamente camoniana:

Mata-me, puro Amor, mas docemente,
Para que eu sinta as dores que sentiste
Naquele dia tenebroso e triste
De suplício implacável e inclemente.

Faze que a dura pena me atormente
E de todo me vença e me conquiste,
Que o peito saudoso não resiste
E o coração cansado já consente.

E como te amei sempre e sempre te amo,
Deixa-me agora padecer contigo
E depois alcançar o eterno ramo.

E, abrindo as asas para o etéreo abrigo,
Divino Amor, escuta que eu te chamo,
Divino Amor, espera que eu te sigo.

Observa Manuel Bandeira, que José Albano “com ser tão versado em idiomas estrangeiros, (sabia o grego e o latim, falava correto e fluentemente o espanhol, o italiano, o francês, o inglês e o alemão, versejando nas três últimas destas línguas) prezava como ninguém a pureza do vernáculo. Pode-se dizer que a língua portuguesa foi a grande paixão de sua vida. Indignava-se contra os que via encobrendo-a de ornamentos estranhos. Queria-a

naquela singeleza primitiva,
naquela verdadeira formosura,
que farei que no verso meu reviva”.

Taivez exista, nesse, exagerado culto quinhentista, uma compensação pelos anos de amargurada ausência. Se a “Ode à Língua Portuguesa” representa um dos momentos mais altos de toda a poesia luso-brasileira, “no soneto — como salienta muito bem Braga Montenegro — estará, todavia, o ponto culminante da lírica de José Albano, o que equivale dizer: o momento mais admirável de toda a sua poesia. Admirável na técnica que jamais se apartaria da linha clássica, dos grandes moldes inspirados no Renascimento italiano; admirável na idéia, de uma austeridade lírica, de um comportamento subjetivo, verdadeiramente irrepreensíveis. Nada de descritivo, nenhuma objetividade de idéia pode ser denunciada na feitura dos seus sonetos, sejam eles os dez de sua preferência, seja aqueles escolhidos por Manuel Bandeira”.

Não se pode, realmente, recusar aos dez sonetos de José Albano, o culto de uma beleza ática e solene que dignifica, sob todos os aspectos, a lírica brasileira. E sentimos, logo aos primeiros versos, o embalo a que nos levam os versos, docemente cadenciados:

Amar é desejar o sofrimento
E contentar-se só de ter sofrido,
Sem um suspiro vão, sem um gemido.
No mal mais doloroso e mais cruento.

E' vagar desta vida tão isento
E dêste mundo enfim tão esquecido,
E' por o seu cuidar num só sentido
E todo o seu sentir num só tormento.

E' nascer qual humilde carpinteiro,
De rudes pescadores rodeado,
Caminhando ao suplício derradeiro.

E' viver sem carinho e sem agrado,
E' ser enfim vendido por dinheiro,
E entre ladrões morrer crucificado.

E quem não sabe, pelo menos, os dois primeiros versos do seu soneto célebre:

Poeta fui e do áspero destino
Senti bem cedo a mão pesada e dura.
Conheci mais tristeza que ventura,
E sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino
Que tanto mas tão pouco dura;
E inda choro o rigor da sorte escura,
Se nas dores passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento
Dos sonhos que sonhava noite e dia
E só com saudades me atormento;

Entendo que não tive outra alegria
Nem nunca outro qualquer contentamento,
Senão de ter cantado o que sofria.

O sr. Braga Montenegro, publicando na coleção “Nossos Clássicos” da “Livraria Agir Editora” (vol. 30) o retrato literário de José Albano veio, sem dúvida alguma, redimir a grande dívida.

Insisto, antes de tudo, na classificação de “retrato literário”, porque o homem José Albano, com o seu cortejo de padecimentos que não deviam provocar risos mas tristezas, não constituiu, de forma alguma, o centro da análise do lúcido crítico cearense.

A evolução do pensamento de José Albano, as fontes da sua poesia, principalmente as fontes portuguesas que entestavam em Camões, foram minuciosamente, pesquisadas e interpretadas pelo sr. Braga Montenegro. E, felizmente, não insistiu ele no exame, embora ligeiro, do mergulho terrível dentro da noite imensa que o destino cruel levava o doce poeta.

Da figura de José Albano, o seu crítico, porque não resta Braga Montenegro, é hoje o crítico autêntico, interessou-se apenas pelos seus aspectos de formação, mostrando-o como um homem à margem do seu tempo e dos acontecimentos da sua pátria.

Na verdade José Albano foi um estrangeiro. Viveu mais na Europa do que o Brasil. Seu pensamento era universal. Não se prendia, por falta de contacto aos problemas brasileiros. E também não se prendia, pela saudade e nostalgia da terra distante, aos problemas estrangeiros.

Dentro dos limites espaciais exigidos pela própria “Coleção Nossos Clássicos”, Braga Montenegro realizou um inteligente e sério estudo sobre José Albano, jamais aparecido entre os nossos críticos. E’ um pequeno grande livro, que, infelizmente, o espaço dêste artigo também não permite analisar, agora indispensável ao estudioso da literatura e da estética brasileira.

(+) Braga Montenegro — JOSÉ ALBANO (Nossos Clássicos, vol. 30) Livraria Agir Editora — Rio — 1958.